

# HIPERSTIÇÕES PARA ALÉM DO AFROPESSIMISMO: O FIM DO NEGRO E A TECNODIVERSIDADE AFROFUTURISTA

Luan Henrique Menezes Maciel<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo analisa as relações entre afropessimismo, aceleracionismo negro e afrofuturismo, com a hipótese de que o corpo negro atua como vetor de dessubjetivação e reconfiguração ontológica. Inspirado por autores como Aria Dean, Kodwo Eshun e McKenzie Wark, argumenta-se que o afrofuturismo opera como hiperstição: uma prática especulativa que rompe com o tempo linear e projeta futuros radicais. Em vez de reivindicar o humano, propõe-se intensificar a negatividade como força tecnopolítica. Assim, a negritude se inscreve como potência inumana e transformadora diante do colapso do paradigma humanista e da tecnociência universal.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo. Aceleracionismo Negro. Hiperstição. Tecnodiversidade.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e atualmente membro do corpo docente no mestrado do Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pesquisa nas áreas de Filosofia da Tecnologia, Filosofia da Diferença, Teoria Queer, Negritude e Decolonialidade, Aceleracionismos e Filosofia da Ficção Científica. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4977320997735350>.

**Abstract**

This article examines the connections between Afropessimism, Black Accelerationism, and Afrofuturism, based on the idea that the Black body acts as a vector of desubjectivation and ontological shift. Drawing on Aria Dean, Kodwo Eshun, and McKenzie Wark, it presents Afrofuturism as hyperstition — a speculative practice that disrupts linear time and imagines radical futures. Rather than reclaiming the human, it embraces negativity as a technopolitical force. Blackness thus emerges as an inhuman and transformative power, destabilizing humanist and universalist techno-scientific frameworks.

**Keywords:** Afrofuturism; Black Accelerationism; Hyperstition; Technodiversity.

## Desfiguração e a dobra temporal não-linear: uma proposição de desarranjo

*“Se Camatte argumenta que “pode existir uma revolução que não seja para os humanos” — um argumento que tem sido retroativamente recuperado pelos aceleracionistas –, então essa revolução é para o negro.”*

— Aria Dean nas Notas sobre a negraceleração

*“Você tem essa sensação de que a maioria dos afroamericanos não deve nada ao status do humano.”*

— Kodwo Eshun em More Brilliant than the Sun

Um corpo sem traços, marcas ou feições que o singularizem e o identifiquem além de toda a sua forma preenchida com a mácula do negro. Um borrão, perdido, quase avulso e, mesmo assim, tendo seu lugar de destaque no meio da obra. “No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal.” (FANON, 2008, p. 104). À primeira vista, sem nome, indiferenciado, desfigurado em tons de negro frente a dois policiais devidamente caracterizados, fardados e com suas peles brancas pintadas de um rosa-meio-roxo. Nós sabemos quem eles são. *São porcos*. Não no sentido literal, mas dotados de significado a partir de uma perversão que, de certa forma, também os desumaniza. Os porcos estão com fome. Desumanizados, também por meio de seu ofício como carrascos, mas não se enganam: há um prazer ali, um desejo de serem cooptados como parte do extenso aparato instrumentalizado pela opressão colonial que se desemboca naquele corpo preto pintado no centro da obra. Aquele negro, desfigurado ao

extremo de uma morte social (WILDERSON, 2022) que perdura, se arrasta e se adapta em novas mutações tão sofisticadas e, por vezes, tão sutis quando naturalizadas socialmente, que reposicionam aquele negro ao status de excedente do projeto humanista ocidental. Não será hoje que ele tomará lugar na mesa do Humanismo. Talvez isso nunca chegue a acontecer, já que ele é o excedente, o *outsider*, a contraparte do universal absoluto em sua mais pura imanência negativa (HEGEL, 1988). Aquele negro, então, não é humano. Os porcos são?

Você é uma pessoa jovem e preta. Você vive num bairro onde a criminalidade prospera. A gente tira as armas das ruas, prende bandido. Você calhou de viver no lugar com as maiores taxas de homicídio estupro. A gente faz nosso trabalho direito. Chegamos perto do seu prédio, você parecia suspeito; nós paramos, saímos do carro com as armas e mandamos você botar as mãos na cabeça. Atiramos. Nós somos a polícia. Fomos muito bem treinados para fazer nosso trabalho. (SILVA, 2022, p. 16, online).

Quadro de interpelação por Basquiat, receptáculo de seu ódio que avança contra a violência crua da morte social: aqui jaz a imagem do infeliz que, negro — e, portanto, despossuído de humanidade —, é aniquilado pelos porcos em cena e, sobretudo, fora dela, munidos de cacete, discurso e desejo. Seus carrascos estão em evidência e o negro na cena é como um borrão, preenchido pelo aparato que fundamenta a analítica da racialidade<sup>2</sup> (SILVA, 2022) sob a luz da Razão — *benditos sois iluminados pela Razão, é claro*. Um negro

---

<sup>2</sup> Denise Ferreira da Silva compreende a analítica da racialidade como sendo o “regime (simbólico) produtivo que estabelece a diferença humana como efeito da razão universal.” (SILVA, 2022, p. 81, online), ou seja, o aparato político e simbólico que fundamenta a ideia ficcional da raça sob a égide da Razão ocidental.

universal forjado no negativo. É, ao mesmo tempo, Michael Stewart<sup>3</sup>, como também tantos outros condenados por essa mácula da desposseção de si pelo outro. Mais um borrão negro caído no chão. Mais um filho que já nasce morto. Mais um negro-matado que circula no mundo dos vivos e que, morto, revive a própria morte. É Michael Stewart ali, mas também tantos outros que reencenam a(s) morte(s) em seu lugar. Todos os negros do mundo nascem mortos. Mortos, todos os negros do mundo nascem fora dos limites da humanidade. *“Eu estava morto antes do meu pai nascer. Por que eu?”* (SILVA, 2022, p. 16).

Subjetivação radicalmente inumana que desemboca no extremo da desfiguração, e também anuncia o retorno do inumano como uma praga-profética (V. SILVA, 2025), do monstro que se levanta contra Victor Frankenstein e o resto da humanidade, evidenciando o derretimento não só de si, como também de todo o Sistema de Segurança Humano (LAND, 2011)<sup>4</sup> que fundamenta e alicerça o humanismo e a modernidade. Ode à morte do humano: “nada de humano escapa do futuro próximo” (LAND, 2011). Se nós, negros, não somos humanos, não temos nada a perder com a morte dele. Essa violência visual e política prepara o terreno para a discussão sobre o aceleracionismo negro e sua interface com a CCRU.

---

<sup>3</sup> Michael Jerome Stewart foi um grafiteiro afro-americano assassinado aos 25 anos após ser brutalmente espancado pela polícia de Nova York, supostamente por fazer grafitti no metrô, em 15 de setembro de 1983. Seu assassinato causou grande comoção na cena artística da época e foi imortalizado por Jean-Michel Basquiat — seu amigo — na obra *Defacement*.

<sup>4</sup> Tradução informal por Carlos Henrique Souza. Disponível em: <[https://www.academia.edu/122183988/Derretimento\\_Meltdown\\_Nick\\_Land\\_pt\\_br?auto=download](https://www.academia.edu/122183988/Derretimento_Meltdown_Nick_Land_pt_br?auto=download)>. Acesso em: 10 out. 2024.



**Imagem 1**

*“Defacement (The Death of Michael Stewart)”* de Jean-Michel Basquiat, originalmente pintada nas paredes do estúdio de Keith Harring, em 1983.  
Fonte<sup>5</sup>: Village Preservation, 2021.

Mas não vamos nos adiantar, ou melhor, aqui registro uma tentativa de bagunçar a linearidade epistemológica que, questionada e subvertida por muitos outros autores não-brancos, ainda se mantém dominante no pensamento ocidental como característica da razão. Proponho, portanto, o desafio a mim mesmo de experimentar uma escrita de idas e vindas que também reflete que passados que ainda perduram no presente e que, no entanto, não devem seguir a mesma linearidade incrustada de fatalismo e perpetuação do ressentimento. Há um poder gestado no ventre do afropessimismo, uma oportunidade de mobilizar o ressentimento plantado enquanto sofrimento psíquico, mas também devemos pensar para além dele. Opto aqui pela dobra do fim sobre ele mesmo como possibilidade de elaboração de futuros possíveis, mesmo no fim — não linear, mas circular,

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.villagepreservation.org/2021/02/16/jean-michel-basquait-michael-stewart-and-defacement/>>. Acesso em: 23 jul. 2025.

espiralar: o povoamento e a proliferação no campo das hiperstições afrofuturistas, porque segundo Leda Maria Martins, “Antes de uma cronologia, o tempo é uma ontologia [...]” (2021, p. 21). É necessário, portanto, retomar a uma concepção de tempo que “se curva para a frente e para trás, simultaneamente, sempre em processo de prospecção e de retrospecção, de rememoração e de devir simultâneos.” (MARTINS, 2021, p. 23). Esse entendimento não guia apenas esse escrito, mas também é uma chave de compreensão fundamental para se pensar sobre afrofuturismo, onde há uma quebra na dimensão linear que organiza a soberania ocidental do *logos*. Para não nos apressarmos nos debates aqui tensionados, a dimensão da temporalidade será em breve retomada, mas no presente momento, demarco aqui a utilização de tópicos, não para exprimir uma ideia de linearidade e continuidade de um texto que encontra seu ápice gradativamente, e sim para meros fins de localização. Sigamos.

### **Lacunas aceleracionistas e o inumanismo negro radical**

Dito isto, e dando um salto de Basquiat à CCRU<sup>6</sup> e os aceleracionismos que se ramificam na *blogosfera*, sua ágora virtual, um movimento se mostra indispensável a se fazer: destacar caráter desumanizado/inumanista do negro e sua potencialidade ao estar de fora [*outside*] do projeto humano, cuja hegemonia é desafiada nas últimas décadas, sobretudo nos campos epistemológicos da produção de saberes, tendo em vista a lógica ficcional da raça expressa no discurso produtor da

---

<sup>6</sup> Cybernetic Culture Research Unit (no português, Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética).

diferença racial, operacionalizado pela branquitude capitalista a níveis políticos e simbólicos. Frantz Fanon compreende perfeitamente ao afirmar que o racismo é o elemento estruturador do capitalismo e não efeito colateral deste quando destaca, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), que o primeiro movimento de subjugação racial se deu através de motivações econômicas, se complexificando a níveis simbólicos e subjetivos, e infectando a psiquê do negro pela internalização, gerando, assim, uma epidermização da inferioridade<sup>7</sup> (FANON, 2020). No entanto, enquanto Fanon buscava reviver o negro enquanto sujeito político num processo de construção de novos humanismos, aqui investimos e apostamos todas as fichas no movimento contrário, virando as costas para o projeto humanista em prol de uma ressignificação pelo negativo, e flertando com a pulsão de morte revolucionária expressa perfeitamente quando Deleuze e Guattari (2011) afirmam — ao discorrerem sobre o fantasma de grupo — que

[...] o pólo revolucionário do fantasma de grupo aparece na potência de viver as próprias instituições como mortais, de destruí-las ou de mudá-las consoante às articulações do desejo e do campo social, fazendo da pulsão de morte uma verdadeira criatividade institucional. (Idem, 2011, p. 88-89)

É fundamental, portanto, mantermos os olhos atentos à intensidade destrutiva e produtiva que liga aqueles que se constroem através do negativo, os párias que ficaram de fora das garantias expiradas que o Sistema de Segurança

---

<sup>7</sup> Ao longo dos escritos de Fanon, sobretudo em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2020), fica mais do que evidente que a inferioridade é imposta ao negro por uma civilização que o define como tal. Esta inferioridade se torna, então, uma realidade vivida, experimentada como uma patologia do ser.

Humano ainda tem para oferecer — por enquanto —, enquanto se derrete, se fragmenta e sobrecodifica mais uma vez o capital<sup>8</sup>. “Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, “acelerar o processo”” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24). Acelerar o derretimento e fazer parte da derrocada, entre os escombros deixados pelo processo civilizador ocidental. Se mover para além da lógica ficcional da raça. McKenzie também retoma um ponto central levantado por Kodwo Eshun, em *More Brilliant than the Sun* (1998), a respeito da construção da inferioridade racial pautada nas noções iluministas de humano/humanidade:

Tal construção de raça supervaloriza o humano. E se a branquitude é supostamente a mais próxima do humano, então há todos os motivos para menosprezar o humano como categoria, em primeiro lugar. Esse movimento retórico é central para o aceleracionismo negro. **A união da negritude com o maquínico é o que deve ser valorizado e acelerado, como uma superação tanto da branquitude quanto do humano.** (WARK, 2017)<sup>9</sup>

Em suma, esse movimento de aceleração levanta a necessidade de uma realocação da análise capitalista dentro das concepções aceleracionistas, compreendendo a criação do discurso racial desumanizador e, concomitantemente, a

---

<sup>8</sup> “A espinha maquínica da história do Capital é codificada, axiomatizada e diagramada por uma tecnociência de processos irreversíveis, desequilibrados e indeterminados e cada vez menos lineares, relacionados sucessivamente com a termotécnica sinalética, cibernética, dinâmica de sistemas complexos e vida artificializada. A modernidade se define como uma cultura quente, capturada por uma implicação em espiral com desafios de entropia, camuflando uma invasão do futuro, lançada como um retrocesso fora da segurança encerrada, se tornando contra tudo aquilo que inibe o processo de derretimento. Culturas quentes tendem à dissolução social. Elas são inovadoras e adaptáveis. Sempre descartam e reciclam culturas frias.” (LAND, 2011, tradução informal por Carlos Henrique Souza)

<sup>9</sup> Tradução minha.

hegemonia racial como processo fundador — e fundado por — intrínseco ao capitalismo e a perpetuação deste ao longo dos séculos, sob as mais diversas roupagens, como um parasita que encontra seu hospedeiro. Evidenciar isso é semear o terreno propício para a proliferação de novos aceleracionismos que visam à dissolução do projeto humanista, com base na compreensão fundamental do capitalismo racial. E, com isso, tocando horizontes que se projetam para além da dicotomia aceleracionista “*mainstream*” — com muitas aspas, claro — entre Land e seu aceleracionismo incondicional tecnofascista *versus* os aceleracionistas de esquerda, humanistas demais.

Aria Dean (2017) nos traz uma distinção interessante entre o aceleracionismo negro — ou *black accelerationism* (*bl/acc*) — e o negraceleracionismo [*blaccelerationism*]<sup>10</sup>. Segundo Aria, uma das questões tensionadas nos aceleracionismos de esquerda e direita é o lugar — e/ou o não lugar — do sujeito. Segundo Dean, no aceleracionismo landiano “há uma esquemática sem sujeito em seu centro” (2017, n.p.), no entanto, não seriam as máquinas os sujeitos por excelência do capitalismo? Essa interpretação do (neo)sujeito se fundamenta com base nas concepções Nick Land, sobretudo em *Meltdown* (2011), onde é mais do que evidente a profecia autorrealizável da dissolução do humano enquanto sujeito e métrica de ordenamento de mundo, e de todo o Sistema de Segurança Humano que o alicerça. O capital, visto como motor para a aceleração tecnológica retroalimentada, evidenciará a obsolescência do orgânico perante às singularidades maquínicas por vir. Seriam, nesse sentido, as máquinas meta-sujeitos aptos não apenas a ultrapassar os limites humanos — orgânicos e sociais —, mas

---

<sup>10</sup> Que será retomada posteriormente neste trabalho.

também os arautos que, enfim, anunciarão a dissolução da massa proletária em fantoches de carne [*meat puppets*]? Se sim, o problema do sujeito não é extinto, mas sim deslocado e reconfigurado.

Enquanto isso, conforme Dean (2017) comenta a respeito do *Manifesto Aceleracionista* (2014) de Williams e Srnicek, “O aceleracionismo de esquerda reencena o trágico niilismo landiano num cômico romance urbano com a tecnologia” (DEAN, 2017, n.p.)<sup>11</sup>. Srnicek e Williams, ao apontarem o equívoco landiano entre velocidade e aceleração, resgatam e reforçam o que Deleuze e Guattari já haviam compreendido n’*O Anti-Édipo* (2011) acerca da tendência reterritorializante e, portanto, sobrecodificadora do capitalismo<sup>12</sup>. Sendo assim, segundo os autores, “o que a velocidade capitalista desterritorializa com uma mão, ela reterritorializa com a outra.” (SRNICEK; WILLIAMS, 2014, p. 271). Não é somente surfar no *hype* da aceleração — ou melhor, confundir a aceleração com a velocidade *per se* —, mas sim construir estratégias que guiem a esquerda contemporânea para além de uma postura defensiva e trágica de redução de danos, buscando redirecionar a aceleração para fins emancipatórios e pós-capitalistas, num processo de recuperação de futuros — e da criação destes via hiperstições utópicas como o Comunismo de Luxo Totalmente

---

<sup>11</sup> Tradução informal de Ababelardo Mundo. Disponível em: <<https://medium.com/@ababeladomundo/notas-sobre-negracelera%C3%A7%C3%A3o-c5fd00eddfd2>>. Acesso em 15 jul. 2025.

<sup>12</sup> Para Deleuze e Guattari, “[...] ao contrário das máquinas sociais precedentes, a máquina capitalista é incapaz de fornecer um código que abranja o conjunto do campo social. No dinheiro, ela substituiu a própria ideia de código por uma axiomática das quantidades abstratas que vai sempre mais longe no movimento da desterritorialização do *socius*. [...] Assim, a descodificação dos fluxos e a desterritorialização do *socius* formam a tendência mais essencial do capitalismo.” (Idem, 2010, p. 51-52).

Automatizado<sup>13</sup>. E se o humano for perdido em meio ao fluxo, faz parte. Se agarrar ao humano como ponto de estabilização sempre foi um amortecedor de aceleração, mesmo.

No entanto, nas formulações aceleracionistas de esquerda, embora o entendimento de sujeitos políticos se desloque para além do humanismo incrustado no pensamento ocidental, o Sistema de Segurança Humano — para reutilizar o conceito de Land no *Meltdown* (2011) — é readaptado aos moldes de uma classe operária engajada na luta anti e pós-capitalista, ao passo que o discurso de hegemonia racial que alicerçou o capitalismo desde sua base mais sórdida, o capitalismo racial, é deixado em segundo plano, ofuscado pelas leituras ligadas a um “marxismo tradicional”. Como conceber a alienação do proletariado dentro do capitalismo se, em suas entranhas, o capital se consolidou a partir de um discurso hegemônico de que os negros — africanos e diaspóricos — sequer eram humanos para serem classificados enquanto classe proletária vendedora de sua força de trabalho, mas medidas de valor, sujeitos-objeto, frutos de um processo extremo de despossessão de si pelo outro? Nesse panorama, portanto, o corpo negro também é mercadoria.

*Negros, por definição, são mercadoria de trabalho... um negro é tanto um trabalho produtivo quanto um valor, uma abstração quantitativa de troca: o equivalente a três quintos de uma unidade de valor representacional. O valor do negro não é seu corpo físico, mas a energia, a força potencial*

---

<sup>13</sup> O “comunismo de luxo totalmente automatizado” é uma proposta utópica que defende o uso radical da tecnologia, especialmente da automação, para eliminar o trabalho obrigatório e garantir uma vida de abundância, lazer e igualdade para todos. A expressão foi popularizada por Aaron Bastani, que também é autor do livro *Fully Automated Luxury Communism* [Comunismo de Luxo Totalmente Automatizado] (2019), no qual desenvolve essa visão como alternativa ao capitalismo em crise.

*que esse corpo contém.* (DEAN, 2017, *apud* JUDY, [s.d.], grifos da autora)

O aceleracionismo de esquerda, embora compreenda que o proletariado é múltiplo e singular (como no esquema da  $n-1$ <sup>14</sup>), não evidencia — pelo menos, não o suficiente — que o capitalismo esteja diretamente atrelado ao regime de hegemonia racial humanista e, portanto, colonial. Nesse sentido, o humanismo é subvertido, colocado de cabeça pra baixo, mas não abandonado completamente. O aceleracionismo negro oferece uma outra via para além do humanismo e/ou da familiaridade da categoria sujeito — seja este consolidado enquanto agente político ou deslocado para fora do humano ao cristalizado sob o estandarte das singularidades maquínicas —, pois compreende que

[...] o negro irrompe e impede o estabelecimento do binarismo humanos/capital, a partir do qual esquerda e direita escolhem respectivamente seus lados. O negro está desde sempre co-constituindo, de maneira recíproca, simultaneamente, o capital e a subjetividade. (DEAN, 2017)

Embora pensadores como Frantz Fanon defendam um humanismo emancipador para o negro (como já mencionado), não há razão para que ele, negro, — assim como todos os que excedem os limites do projeto de humanidade ocidental — se sente à mesma mesa que seus algozes, que ainda hoje negam sua humanidade pelos mais distintos

---

<sup>14</sup> “É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre  $n-1$  (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a  $n-1$ .” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, *apud* PELBART, 2019).

dispositivos de poder. Veja bem como o reconhecimento de direitos civis aos grupos minoritários se tornou cada vez mais evidente. E veja bem, também, como negros continuam revivendo — e/ou remorrendo — em circunstâncias semelhantes às de Michael Stewart, George Floyd, Emmett Till, Rafael Braga, Mirtes e Miguel Otávio Santana da Silva, Jean-Michel Basquiat e tantos outros e outros. Embora tais lutas e reorganizações busquem assegurar minimamente os direitos da população negra, ainda não somos humanos e talvez nem seremos, se mantivermos as estruturas capitalistas que retroalimentam a perpetuação de nossa morte, parasitando a níveis políticos e sociais, mas também epistemológicos e ontológicos.

O ideal seria reorganizar a mesa fragmentada, empenada e quebradiça, ou destruí-la de uma vez por todas e anunciar, enfim, a morte do humano e o fim do negro, e se permitir experienciar a criação de novos mundos inimagináveis, acelerando a potência de agir<sup>15</sup> ao limite? Deveríamos, portanto, acelerar o processo de subjetivação radicalmente inumana e, com isso, acelerar a desestabilização/derretimento do Sistema de Segurança Humano? Fisher, então, recua e questiona: “Quem são os membros do ‘partido da negatividade inumana?’”<sup>16</sup>. Em suma, Aria Dean aponta que “A única teoria e política aceleracionista que pode disputar com o aceleracionismo de direita é uma que seja baseada na

---

<sup>15</sup> Isto é, como define Deleuze em *Spinoza et le problème de l'expression* (1968), a verdadeira tarefa espinosiana propriamente ética é ir “ao extremo do que se pode” (Idem, 1968, p. 249-250), visto que “todo corpo estende sua potência tão longe do que se pode” (Ibid.), assim, o dever do filósofo consiste em travar uma luta contra “tudo que nos mantém separados dessa potência de agir e a submete a uma constante diminuição” (Ibid.). Em suma, essa luta se reflete nos combates à todas as condições de servidão, pois estas enfraquecem nossa potência de agir em um “encadeamento de paixões tristes” (idem, 1968, p. 248-249).

<sup>16</sup> FISHER, Mark. *Spectres of Accelerationism*. K-punk, 2008. Disponível em: <<https://k-punk.org/spectres-of-accelerationism/>>. Acesso em 28 jul. 2025.

compreensão de que “o pontapé inicial do capital foi dado pelo estupro do continente africano” (Idem, 2017, n.p.).

Ainda seguindo com Aria, “[...] começar a pensar o capitalismo racial paralelamente ao aceleracionismo possibilita a uma abordagem do capitalismo e do valor que está “fora da alienação”, como diria Williams. Segundo, tal abordagem insiste na existência não-alegórica do sujeito inumano: “o negro”. (DEAN, 2017, n.p.). Portanto, ao nos projetarmos para além da noção de humano, torna-se possível afirmar que “se o humano não é dado, então também não pode haver uma essência negra.” (WARK, 2017, *apud* ESHUN, 1998). Esta é uma consideração importantíssima, já que delimita um aceleracionismo negro e, sobretudo, um afrofuturismo negracelerado para além do mito racial unificador que atrela a multiplicidade cultural da negritude à uma África remota e essencializada. Compreendendo, assim, a cultura negra como diaspórica ao invés de nacional (WARK, 2017, n.p.), para nos guiarmos em uma direção contrária a projetos panafricanistas aos moldes de Marcus Garvey<sup>17</sup> e companhia.

Nesse sentido, tanto é impreciso afirmar a existência de cânones aceleracionistas — sejam eles de esquerda ou de direita — quanto ignorar as formulações raciais que atravessam o desenvolvimento do que hoje chamamos de aceleracionismos. Nesse campo, Kodwo Eshun se destaca como um sintetizador-profeta, cujas contribuições no seio da CCRU expandem as fronteiras do aceleracionismo. Eshun é magnífico

---

<sup>17</sup> Marcus Garvey, líder panafricanista e fundador da UNIA (Universal Negro Improvement Association), defendia a construção de uma nação negra autônoma e o retorno à África como forma de emancipação racial. **Seu nacionalismo negro levou-o a manter contatos controversos com grupos extremistas como o Ku Klux Klan**, com quem compartilhava, paradoxalmente, a defesa da separação racial, ainda que por motivos opostos. **Também elogiou aspectos do fascismo italiano pela ênfase na ordem e autodeterminação nacional.**

em destacar a potência aceleracionista presente e indissociável da negritude (mesmo que ele não opere por este conceito)<sup>18</sup>. Conforme aponta McKenzie Wark (2017, n.p.)<sup>19</sup>, o melhor e mais original escrito sobre aceleracionismo — *More Brilliant than the Sun* (ESHUN, 1998) — também é sobre negritude. Em suma, uma das definições que sintetiza bem o propósito fundamental do aceleracionismo negro também parte de Wark, ao destacar que

“O Aceleracionismo Negro é um impulso intencional que inclui, como parte de seu método, uma tentativa de eliminar certos hábitos de pensamento e sentimento, a fim de se abrir para um futuro que tenta se concretizar no presente.” (WARK, 2017)

Assim, elaborando uma diferenciação entre o aceleracionismo negro e o Afrofuturismo<sup>20</sup>, que pode ser perfeitamente interpretado e teorizado enquanto uma hiperstição (ou hiperstições plurais) que se investe no campo dos horizontes de possibilidades de futuros outros, sendo ou não produzido dentro do aceleracionismo negro, mas, ao mesmo tempo, sem dever satisfações a ele. Sob este prisma, “Se o Aceleracionismo Negro é um conceito temporal e espacial específico, o Afrofuturismo é um gênero que inclui conceitos

---

<sup>18</sup> “Um efeito colateral do *descontinuum* alienígena é a rejeição de qualquer e toda ideia de uma condição negra compulsória. Onde o jornalismo ainda insiste em um estado sólido conhecido como 'negritude', *More Brilliant* dissolve essa solidariedade com um corpo em uma fluidez mantida e exacerbada por máquinas sonoras.” (Eshun, 1998, p. 16)

<sup>19</sup> WARK, McKenzie. Black Accelerationism. Public Seminar, 2017. Disponível em: <<https://publicseminar.org/2017/01/black-accelerationism/>>. Acesso em 28 jul. 2025.

<sup>20</sup> A ser abordado ao longo do trabalho.

temporais e espaciais dentro do espaço cultural geral da ficção científica.” (WARK, 2017). A autora também observa que,

Como em Donna Haraway, o maquínico e a negritude são ambas condições liminares em relação ao humano, mas tratados não como um mito político irônico, mas como um programa a ser implementado com toda a velocidade deliberada. (WARK, 2017)

No contexto do afrofuturismo, são mobilizadas alegorias que evidenciam o status inumano atribuído ao negro — como o paralelo entre abduções alienígenas e os eventos reais da escravização<sup>21</sup>. Conforme aponta Eshun (2022, p. 2), essa associação foi observada por Mark Dery, considerado um dos precursores do afrofuturismo, a partir de conversas com Greg Tate, que, no início dos anos 1990, já escrevia sobre as interseções entre a cultura negra e a ficção científica. Conforme McKenzie destaca, a figura do ciborgue/androide também é bastante utilizada como alegoria para o inumanismo negro<sup>22</sup>, pois também flerta com a ideia de hibridização (2017, n.p.). Nesse sentido,

O androide se torna o inverso, e ainda assim o equivalente, do escravo. O escravo era um humano tratado como uma não-pessoa e forçado a trabalhar como uma máquina; o androide é um inumano tratado como uma

---

<sup>21</sup> “Alienígenas africanos são sequestrados por traficantes de escravos africanos, entregues para serem fatiados, cortados em cubos e geneticamente projetados por fanáticos de rosto branco e cristãos canibais em escravos americanos, 3/5 de sua norma padronizada, sua ROM de Westworld.” (ESHUN, 2003, p. 112, tradução minha)

<sup>22</sup> McKenzie cita como exemplo o vídeo “Many Moons”, de Janelle Monáe, onde “Ele mostra androides se apresentando em um leilão para clientes ricos, incluindo plutocratas vampíricos brancos e um tipo militar-ditador negro. Os androides são todos negros e, de fato, são todos a própria Monáe” (WARK, 2017, tradução minha).

não-pessoa, mas forçado a trabalhar como um humano. (Idem, 2017, n.p.)<sup>23</sup>.

Sob as entranhas e virtualidades dos aceleracionismos, o afrofuturismo encontra seu terreno hipersticional, que transporta o aceleracionismo negro para além do afropessimismo, sendo o afrofuturismo tanto uma hiperstição aceleracionista como também não se submete a uma fidelidade exclusiva ao aceleracionismo em si, se projetando para além dele, de várias outras formas singulares. Entretanto, em suas *Notas sobre a Negraceleração* (2017), Aria Dean tece uma diferenciação entre o aceleracionismo negro observado por McKenzie (2017), e o negraceleracionismo. Para ela, a de McKenzie ao aceleracionismo negro remota a uma ideia voltada à ressignificação, que parte do princípio do negro enquanto o outro, reformulando conclusões racistas construídas dentro da relação humanidade-inumanidade, portanto, “De sua perspectiva [Wark], o aceleracionismo negro parece ser principalmente um ato de restauração.” (DEAN, 2017, n.p.). Enquanto isso, ainda conforme Aria Dean aponta, o negraceleracionismo não necessita dessa restauração, visto que o parte do pensamento negro radical já reivindicou a inumanidade da negritude, compreendendo isso como parte de seu presente para o mundo. Além disso, enquanto McKenzie diferencia o aceleracionismo negro do afrofuturismo, conforme vimos anteriormente, no negraceleracionismo não há essa distinção e, atrelados, “caminham como irmãos e co-conspiradores.” (DEAN, 2017, n.p.)

---

<sup>23</sup> Tradução minha.

### **Entre afrofuturismos tecnodiversos, hiperstições e ficções sônicas**

É interessante observar que as hiperstições que compõem o afrofuturismo de Eshun são, em sua maioria, relacionadas à trajetória da música negra e as mutações intrínsecas a ela ao longo da história, isto é, “é um estudo de visões sobre o futuro na música [...]” (ESHUN, 2022, p. 3). Dessa maneira, se faz necessário contextualizar do que se tratam as hiperstições, tão fundamentais nos escritos da CCRU e para além de sua dissolução. Nesse sentido, a respeito das hiperstições programadas dentro da CCRU, Victor Marques sintetiza bem ao dizer que a hiperstição é “uma forma de ficção ou narrativa cultural que se torna autopropagante e assim ganha o poder de moldar a realidade; uma entidade virtual abstrata que se torna efetiva por meio de sua própria propagação e contaminação na cultura.” (MARQUES, 2023, p. 93), atuando como um intensificador de coincidências e tendências, e não meras superstições sobre o futuro. Partindo do pressuposto de que a história ocidental é uma narrativa de dominação que aprisiona o sujeito negro no passado, as hiperstições afrofuturistas se manifestam como contra-narrativas que buscam reprogramar o imaginário coletivo e, por conseguinte, o tempo histórico, criando conexões cósmicas entre o passado, presente e futuro e preservando as cosmotécnicas negras em uma espécie de feitiço coletivo que se projeta para além das fronteiras do que se foi estabelecido no discurso racial.

Marques também destaca que “no glossário da própria CCRU, hiperstição aparece como ‘elemento da cultura efetiva que se torna real, por meio de quantidades fictícias que

funcionam como potenciais de viagem no tempo. [...]” (MARQUES, 2023, p. 93), em uma espécie de engenharia de feedback entre seu futuro preferido e as tendências do presente em formação (ESHUN, 2003, p. 290). Em suma, o afrofuturismo de Eshun é um vírus que infecta a linha do tempo ocidental, programa novos futuros e, assim, torna tais futuros inevitáveis quando passa a povoar e a ancorar o imaginário coletivo.

No universo sônico e vibracional de Eshun, a musicalidade negra mobiliza não só o sentido auditivo de quem a ouve/experiencia, mas age numa espécie de sinestesia, confluindo através de outros sentidos e teletransportando quem a sente para uma outra atmosfera, outra temporalidade. O tempo que se inscreve por meio de uma cosmopercepção<sup>24</sup>, uma corporalidade que se inscreve no tempo e que, de forma primordial, acompanha as mudanças nos mais diversos estados temporais. Leda Maria Martins destaca o tempo como um local de inscrição do conhecimento que vai muito além da lógica linear consecutiva incrustada no pensamento ocidental, mas opera por meio das temporalidades curvas e espiralares, subvertendo o predomínio da lógica e da razão (MARTINS, 2021, p. 24).

O afrofuturismo, enfim, é concebido também enquanto uma prática de contra-memória, um compromisso ético com a história que acompanha uma fabricação de ferramentas conceituais responsáveis para construir um contra-futuro, buscando vislumbrar para além do legado moderno de

---

<sup>24</sup> “O termo ‘cosmovisão’, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo ‘cosmopercepção’ é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais.” (OYEWÙMÍ, 2021, p. 21).

mutilação, captura, alienação e desumanização que se acometeu sobre os povos africanos e diaspóricos, sendo considerados por Toni Morrison como os primeiros sujeitos a passarem pelo trauma fundador da modernidade (ESHUN, 2003, p. 288). O afrofuturismo (ou Futurismo AfroDiaspórico) para Eshun se projeta para além da contra-memória, promovendo uma confluência restrospectiva do passado e seus vetores interculturais da temporalidade do Atlantico Negro, mas também sintetizando o futuro através do novo, da experimentação, replicação e novidade (ESHUN, 2003, p. 289), num movimento semelhante ao adinkra da Sankofa,<sup>25</sup> presente na cultura de Akan, localizada na região da Gana e Costa do Marfim. Em suma, o afrofuturismo se manifesta através de uma intersecção entre a contra-memória do passado, o presente que programa o futuro e, enfim, os futuros ainda por vir. Nesse sentido, a percepção do tempo e as experiências de temporalidade (MARTINS, 2021, p. 24) não são as mesmas para todas as culturas. As análises das mais diversas ficções sônicas presentes nas tecnologias negras — e, sobretudo, nas engenharias musicais — são compreendidas a partir do entendimento de que mesmo desenvolvidas há séculos, o passado também fala sobre o futuro.

Kodwo Eshun também aponta que a análise futuroológica foi um campo visto com uma certa desconfiança entre os artistas e acadêmicos negros durante os anos 1980. Parte disso por conta da derrocada do projeto socialista panafricano em Gana, com a deposição de Nkrumah, no ano de 1966, fomentando uma hostilidade e descrença no campo das utopias de libertação anti-coloniais. (ESHUN, 2003, p. 288) Esse

---

<sup>25</sup> Trata-se de um significante simbólico que mobiliza uma filosofia comunitária, enfatizando a preservação da memória, o respeito aos ancestrais e a continuidade dos laços coletivos.

panorama foi responsável por uma posição tomada por intelectuais africanos, denominada por Homi Bhabha (1992) como “*melancholia in revolt*” — ou melancolia na revolta —, que sintetiza o sentimento de fadiga em relação a construção de futuros que acometeu intelectuais e ativistas culturais do Atlântico Negro da mesma década (ESHUN, 2003, p. 288-289). O afrofuturismo vai ganhando mais destaque e aceitação no início do século XXI, onde Eshun observa a formação de “Um momento cultural em que futuros distópicos são rotineiramente invocados para ocultar o presente em toda a sua infelicidade” (ESHUN, 2003, p. 289), evidenciando a necessidade fundamental de uma investigação para a construção de novos futuros. Nesse sentido,

É difícil conceber o Afrofuturismo sem um lugar para o processo sonoro em seus modos vernáculo, especulativo e sincopado. O cotidiano da expressão vernacular negra pode ser um anátema para a prática artística contemporânea. No entanto, essas histórias de futuros passados devem ser colocadas enquanto um recurso valioso. [...] O afrofuturismo estuda os apelos que artistas, músicos, críticos e escritores negros fizeram ao futuro, em momentos em que qualquer futuro era dificultado. (ESHUN, 2003, p. 291, tradução minha)

O afrofuturismo também se conecta ao que Yuk Hui (2020) entende por tecnodiversidade. A tecnodiversidade, por sua vez, é uma posição que reconhece que a tecnologia não é uma produção exclusiva ou hegemônica de um único povo ou grupo — como os magnatas do Vale do Silício, a exemplo de Elon Musk e Mark Zuckerberg, que concentram ações das maiores plataformas digitais no campo das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) —, mas sim uma construção

coletiva, uma técnica desenvolvida por cada cultura segundo suas singularidades e particularidades. A tecnologia hegemônica também foi responsável pela colonização, sincronizando o mundo inteiro em uma só temporalidade e corroborando para a ideia de uma técnica universal/universalizante ao passo que busca ofuscar toda uma tecnodiversidade pertencente aos povos não-brancos. Yuk Hui evidencia que a tecnologia não é antropologicamente universal, se opondo às concepções modernas acerca de uma tecnologia única ao afirmar que ela é, nada mais nada menos, do que uma multiplicidade de cosmotécnicas.

A tecnologia universalizante da modernidade inaugurou no tempo e espaço a perda do cosmos e a ruptura com a metafísica, visto que a Terra e o cosmos foram convertidos e comprimidos em um grande sistema tecnológico (HUI, 2020, p. 19), sincronizando o mundo numa única temporalidade. Essa perda do cosmos surge “no sentido de que já não somos capazes de apreender o que quer que tenha sido deixado para trás pela perfeição da ciência e da tecnologia ou que esteja além dela.” (HUI, 2020, p. 19). Vivemos, portanto, na era da técnica universal que suprime a pluralidade de uma cosmotécnica local, sendo esta a particularidade cultural impressa na técnica de cada povo que aponta para uma multiplicidade tecnológica para além da tecnologia hegemônica que rege a mutação atual do capitalismo.

O que Eshun faz é evidenciar uma das cosmotécnicas presentes no afrofuturismo, dando enfoque na musicalidade negra e apresentando-a enquanto uma tecnologia musical da negritude, uma ciência sônica e vibracional da propagação do som a níveis sinestésicos que evidencia novas formas de se pensar e construir o futuro, se contrapondo,

assim, à universalização tecnológica que avança sobre a cosmologia intrínseca a cada cultura ao redor do globo. Sob esse prisma, Leda Maria Martins afirma que as concepções africanas do tempo experienciam a musicalidade e a palavra proferida como o “locus de expressão da experiência corporal” (Idem, 2021, p. 31) em um “amplo prisma de elaboração fônica e sonora das linguagens que se processam pelo corpo, alinhadas e compostas por outras percepções que no e pelo corpo as traduz.” (Idem, 2021, p. 31-32).

Um dos grandes eixos analisados por Eshun em *More Brilliant than the Sun* (1998) diz respeito à ciência musical do *breakbeat*<sup>26</sup>, visto por ele como um dos divisores de águas que emerge dentro da música afroamericana, que consiste no isolamento do breakbeat e, concomitantemente, no avanço da bateria e do baixo nas músicas (ESHUN, 2022, p. 3). Esta “nova” ciência é concebida como uma ciência intensificadora de sensações, uma ciência da engenharia sensorial, numa oposição às concepções ocidentais que determinam o que é ciência, pois segundo ele,

Nas duas culturas clássicas da sociedade convencional, a ciência é ainda a ciência que drena o sangue da vida e deixa tudo vivissecado. Mas na música nunca foi assim; **assim que você ouve a palavra ciência, você sabe que terá uma intensificação de sensações.** (ESHUN, 2022, p. 5)

Nessa configuração, as batidas da bateria são virtualizadas e replicadas em N formas, processo que Eshun nomeia como “captura de movimento” (ESHUN, 2022, p. 3), em

---

<sup>26</sup> Breakbeat é um estilo rítmico caracterizado pelo uso de padrões de bateria sincopados e fragmentados (breaks), muitas vezes extraídos de gravações de funk, soul ou hip-hop. Esses trechos são recortados e reorganizados para criar bases percussivas dinâmicas, amplamente utilizadas em gêneros da música eletrônica como drum and bass, jungle e big beat.

uma referência direta ao processo por meio do qual o corpo humano — seus movimentos e expressões — é sintetizado e virtualizado (Ibid.). Eshun também destaca o *scratching* — o movimento de arranhar o vinil para distorcer o som — como tecnologia musical que vai além de um processo rítmico, mas constitui efeitos de textura, uma experimentação que surgiu de dentro da música negra projetada para o futuro, inaugurando um momento de passagem da voz para o som (ESHUN, 2022, p. 4). Um movimento bastante interessante em relação à cosmotécnica da musicalidade negra é o que Eshun destaca como a questão racial do sintetizador, no qual os programadores musicais da cena de Detroit — como Model 500 e Cybotron — passam a subverter a lógica musical que vigorava na época, na qual a música norteamericana era exportada à Europa, sintetizada e remixada pelos europeus por meio da “branquitude do sintetizador” (ESHUN, 2022, p. 5) e, finalmente, devolvida às Américas.

O que aconteceu foi o inverso: os caras da cena techno de Detroit passaram a fazer experimentos com o sintetizador na música vinda da Europa, de Depeche Mode a Kraftwerk, tornando-a estranha e devolvendo-a à matriz completamente modificada, “porque aquele som os tornaria alienígenas dentro dos Estados Unidos” (ESHUN, 2022, p. 5). A música branca europeia, então, era vista como exótica aos ouvidos afroamericanos, invertendo a dinâmica e, para Eshun, “Esse é o primeiro caso explícito em que a música branca é a original, e os músicos negros americanos são os adulteradores e os que pastichizam.” (ESHUN, 2022, p. 6), criando uma nova musicalidade sintética a partir da original, outra tecnologia vinda do núcleo operacional da engenharia sensorial negra, um exemplo palpável de tecnodiversidade. O negro, então, se

mostra como um alienígena sintético programador dos mais diversos experimentos sensoriais.

Mas o ponto mais interessante destacado por Eshun é o que ele conceitua enquanto “**ficção sônica das gravações**” (ESHUN, 2022, p. 7), isto é, “uma série de coisas que entram em ação a partir do momento em que se tem música sem palavras.” (ESHUN, 2022, p. 7), mecanismos sensoriais aos quais a música te teletransporta para uma outra temporalidade, te abduzindo para o mundo dela. Isso se dá de diferentes formas, que vão desde a confecção do disco, as faixas, os encartes da capa, a sonoridade, os títulos, compondo uma atmosfera específica capaz de capturar o ouvinte e dar início a uma outra temporalidade experienciada à níveis sinestésicos. As ficções sônicas operam, portanto, por meio das micropercepções sensoriais, os estados de vibração e frequência do disco, “olhando para todos os diferentes níveis de ciência que existem dentro do objeto físico” (ESHUN, 2022, p. 8). Tais ficções sônicas proporcionam à experiência de “[...] ser capturado por pequenas frações de tempo, ter obsessão por breves instantes.” (ESHUN, 2022, p. 9), uma verdadeira experiência de abdução por meio do som que inaugura uma nova temporalidade. “Você sente que vai sendo abduzido [...] porque você ouve uma atmosfera [...]” (ESHUN, 2022, p. 9).

Nesse ponto, Eshun ressalta que “a *sampladelia* inaugura um *continuum* entre o som visual e o som auditivo” (ESHUN, 2022, p. 9) ao tensionar sentidos para além do auditivo, bagunçando e descentralizando a experiência de percepção: ouvidos que enxergam<sup>27</sup>, o som frio e irregular do

---

<sup>27</sup> “Seus ouvidos passam a ter sua capacidade óptica ativada. Se um modo meio estranho, seu ouvido começa a ver. Chion diz que cada um dos nossos sentidos é dotado de plena habilidade dos outros. É basicamente dizer que a audição acontece por meio do ouvido, mas todos os outros sentidos também podem passar pelo

*drum'n'bass* que se mescla com o tato na medida em que a musicalidade é dissolvida. Ocorre de modo que “quando o ouvido para de compreender essa sonoridade como sólida, o som rapidamente passa a viajar pela pele – e a pele começa a ouvir para você.” (ESHUN, 2022, p. 10), bagunçando a hegemonia sensorial inscrita no corpo colonizado, que fornece uma concepção linear e organizada do sentir. O som inicia uma temporalidade focada na experiência do corpo. Nesse sentido, a ciência musical afrofuturista que propaga as ficções sônicas pode ser compreendida como uma tecnologia do tempo não linear, responsável por inscrever o corpo no cosmos: uma cosmopercepção orientada ao futuro, propulsora de novidades por meio da descontinuidade e ruptura.

Ao invés de operar por vias de uma certa essencialização racial da engenharia musical negra e a soberania da palavra/letra sobre o som, Eshun parte das disjunções, da desterritorialização e da desorganização não linear presente em todas as ficções sônicas que se desdobram das músicas sem letra e das espirais dos sulcos do vinil riscado, sampleado, remixado cinco, dez, vinte vezes. Trata-se, portanto, de acelerar o derretimento das narrativas lineares organizadas pelo logos que fundamenta o pensamento ocidental branco, se projetando para o futuro que produz coisas novas e, ainda assim, mantém um diálogo fundamental com o passado.

Conforme Eshun aponta sobre sua obra, “O som é uma tecnologia sensorial, então eu falo bastante sobre tecnologias negras. [...] é mais sobre como a cultura negra é essa série de máquinas construídas aqui e ali.” (2022, p. 26) e, nesse sentido, a compreensão das máquinas que compõem as

---

ouvido. O ouvido foi feito para ouvir, mas pode realizar todos os outros sentidos se tiver suas habilidades ativadas.” (ESHUN, 2022, p. 10)

múltiplas tecnologias negras, desordenadas sem a pretensão de uma unidade essencial, vai muito além da definição hegemônica que rege o discurso tecnológico, podendo ser encontradas na África do século XIX ou XIII<sup>28</sup> (ESHUN, 2022, p. 26) e herdadas, modificadas, virtualizadas e reproduzidas ao longo da história, mantendo um certo legado nas engenharias musicais de intensificação sensorial a níveis psicodélicos, mobilizando sinestesticamente os sentidos, desenvolvendo a corporalidade, promovendo atmosferas que bagunçam a temporalidade.

Por meio disso, cabe perguntar: *Como o futuro pode parecer? Quais percepções sensoriais o futuro pode apresentar?* Nesse sentido, uma chave de interpretação e formulação de novas concepções afrofuturistas e negraceleracionistas se encontra ao esmiuçar o que as tecnologias negras têm a oferecer aos contra-futuros, isto é, novas construções plurais de futuro que se levantam contra o futuro que nos é oferecido no neoliberalismo, mobilizando a pulsão de morte dos seres abjetos não-humanos e dos mortos em vida para que estes, nós, que nada devemos à humanidade, retornemos como carrascos para seu fim. Concomitante a isso, é imprescindível apontar que a articulação entre aceleracionismo negro, tecnodiversidade e afrofuturismo não apenas desafia o paradigma humanista, mas oferece um laboratório conceitual para futuros radicais que ressignifiquem o legado da memória e que afastem o negro do horizonte da morte social atrelado às suas condições de

---

<sup>28</sup> Como os “coros de tambores ganenses” ou o “motor polirrítmico africano”. (ESHUN, 2022, p. 26). “As músicas clássicas do coro de tambores ganês, das orquestras de gamelão balinesas, dos músicos mestres indianos e de Jajouka são o que o produtor Kirk DeGiorgio chama de ARTs — Tecnologias Rítmicas Avançadas [*Advanced Rhythmic Technologies*] — já com séculos de existência.” (ESHUN, 1998, p. 15, tradução minha).

existência enquanto sujeito-matado, como no quadro desfigurado de Basquiat.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEAN, Aria. **Notes on Blacceleration**. Tradução informal de Ababelado Mundo. *Medium*, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://medium.com/@ababeladomundo/notas-sobre-negraceleração-c5fd00eddf2>. Acesso em: 01 ago. 2025. Texto original publicado em: *e-Flux Journal*, n. 87, dez. 2017. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/87/169402/notes-on-blacceleration>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Vol. 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- ESHUN, Kodwo. *Captura de movimento* (entrevista). Tradução de Stella Zagatto Paterniani. **Proa: Revista de Antropologia e Arte**, Campinas, SP, v. 12, p. 1–28, 2022.
- \_\_\_\_\_. Further considerations on Afrofuturism. *CR: The New Centennial Review*, East Lansing: Michigan State University Press, v. 3, n. 2, p. 287–302, summer 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4194939>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- \_\_\_\_\_. **More brilliant than the sun: adventures in sonic fiction**. London: Quartet Books, 1998.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Ubu Editora, 2022.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- \_\_\_\_\_. Spectres of accelerationism. **k-punk**, 28 out. 2008. Disponível em: <https://k-punk.org/spectres-of-accelerationism/>. Acesso em: 01 ago. 2025.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. Tradução de Flávio Moura. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LAND, Nick. **Meltdown**. In: \_\_\_\_\_. *Fanged Noumena: Collected writings 1987–2007*. Edited by Robin Mackay and Ray Brassier. Falmouth: Urbanomic, 2011. Tradução informal de Carlos Henrique Carvalho Souza. Disponível em: [https://www.academia.edu/122183988/Derretimento\\_Meltdown\\_Nick\\_Land\\_pt\\_br](https://www.academia.edu/122183988/Derretimento_Meltdown_Nick_Land_pt_br). Acesso em: 01 ago. 2025.

MARQUES, Victor Ximenes. Um estudo em práticas hipersticionais: alças estranhas, guerras temporais e teoria ficção. **Linguagem em Pauta**, v. 3, n. 1, p. 82–113, 2023. Disponível em: <https://linguagempauta.uvanet.br/index.php/lep/article/view/86/41>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. 2. ed. São Paulo: Cobogó, 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Denise Ferreira da. **Homo modernus: para uma ideia global de raça**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.

SILVA, Victor de Freitas da. **Mandinga poética: Uma concepção baraperspectivista de criação pelo encantamento**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Licenciatura em Teatro, Campus Fortaleza, 2025.

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. Manifesto acelerar: por uma política aceleracionista. Tradução de Bruno Stehling. **Lugar Comum**, n. 41, p. 269–279, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/50653>. Acesso em: 20 out. 2024.

WARK, McKenzie. Black Accelerationism. **Public Seminar**, 27 jan. 2017. Disponível em:

<https://publicseminar.org/2017/01/black-accelerationism/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Todavia, 2022.